

## NÃO FOSSEM AS SÍLABAS DO SÁBADO

(Mariana Salomão Carrara)

Por Odila Damian

Nome com muitas sílabas acaba sendo dolorido, não fossem as sílabas daquele sábado, hoje seríamos outros números.

O tempo que o Miguel levou para atingir o André é o tempo de uma criança dizer sábado.

O intervalo insuportável entre o hábito e a dor.

Catarina a filha, Ana a mãe, André o pai falecido, Miguel o suicida e homicida (do pai), Madalena a viúva de Miguel.

Ana queria plantar a árvore de todos os assuntos que a filha vai cultivar com as pessoas.

Ela tinha uma porção limitada de felicidade e não podia viver com as pessoas mundanas, que não conhecem a morte e imaginam a vida infinita e que podem dispor com o que quer seja.

É um prazer insatisfatório.

E o monstro dos pesadelos da filha era o pai (André), teve que mata-lo novamente, definitivamente.

“O luto é um poço cheio de egoísmos.”

Não é que o tempo diminua a saudade, o que ele faz é diluir a memória.

Quando nos dão tantas sílabas, instala-se qualquer coisa na grafia dos anos que não se pode reacomodar.

O quadro do filme, pro bem e pro mau, ficou sendo o filme da sua vida.

De toda a tragédia, nasceu uma amizade para toda a vida, entre as viúvas e Catarina!